



# Toque

---

**Jean-Luc Nancy**

**Tradução:** Rodrigo Ielpo

I

Heidegger declara: “A pedra é sem mundo. A pedra se acha, por exemplo, sobre o caminho. Nós dizemos: a pedra exerce uma pressão sobre o solo. Nisso, ela ‘toca’ a terra. Mas o que ali chamamos de ‘tocar’ não é de forma alguma tatear. Não é *a* relação que mantém uma lagartixa com uma pedra quando se deita sobre ela ao sol. Esse contato da pedra e do solo não é, *a fortiori*, o toque que experienciamos quando nossa mão repousa sobre a cabeça de um ser humano. [...] A terra *não* é para a pedra *dada* como apoio, como aquilo que a sustenta — a pedra. [...] A pedra, no seu ser de pedra, não tem absolutamente nenhum acesso a alguma outra coisa entre as quais se apresente com vistas a

---

I Jean-Luc Nancy em *Le sens du monde*, Paris, Editions Galilée, 1993. Tradução Rodrigo Ielpo.

alcançar e a possuir esta outra coisa enquanto tal”.<sup>2</sup>

Por que, então, o acesso seria determinado *a priori* sob o modo da identificação e da apropriação da “outra coisa”? Quando toco outra coisa, outra pele, e *este* contato ou este toque está em jogo, e não um uso instrumental, trata-se de identificar e de se apropriar? Trata-se disso, ao menos primeiramente e apenas? Ou ainda: por que seria preciso determinar *a priori* o ‘acesso à’ como o modo necessário de um fazer-mundo e de um ser-no-mundo? Por que o mundo não estaria também *a priori* no ser-em-meio-à, no ser-entre<sup>3</sup> e no ser-contra? No afastamento e no contato sem ‘acesso’? Ou sobre o limiar do acesso? (E este *a priori* seria identicamente o *a posteriori* do mundo material, o agenciamento indefinido de limiar em limiar de uma a outra coisa, cada uma à beira da outra, na entrada, sem entrar, em frente e contra a assinatura singular exposta sobre o limiar.)

Não é necessário que haja não-acesso, impenetrabilidade, para que haja também acesso, penetração? Que haja, então, não-sentido ou, antes, fora-do-sentido para que haja sentido? E que *neste sentido* a pedra e a lagartixa estejam também no circuito do sentido, tanto quanto eu, suposto *Dasein*, sou também pedra e lagartixa, não em virtude de alguma parte ou aspecto subalterno, mas segundo o *aí* do meu ser?

Ou ainda: Heidegger, aqui, não determina senão negativamente o ‘toque’ da pedra sobre a terra. Não é a relação da lagartixa que se esquentava, e ainda

---

2 *Les concepts fondamentaux de la métaphysique*, trad. D Panis, Paris, Gallimard, 1992, p.293. Sobre o ‘toque’ [*toucher*] em geral, descubro tarde demais para disso fazer uso que sigo provavelmente algumas vias paralelas às de Jean-Louis Chrétien, “Les corps et le toucher”, *L’Appel et la Réponse*, Paris, Minuit, 1992.

3 *Parmi* e *entre* podem ser traduzidos pela preposição “entre” no português; *parmi*, contudo, é utilizado para marcar a posição de um ou mais objetos “em meio a elementos de um conjunto” (LE ROBERT) [Nota do T.].

menos a de uma mão pousada, não sobre uma pedra, mas sobre uma cabeça humana. É realmente notável que Heidegger introduza, assim, primeiro o sol e uma comunicação de calor que, no entanto, não espera a lagartixa para acontecer, em seguida, e sobretudo, uma ordem de ‘toque’ inteiramente diferente, não apenas humano, mas em um só lance solene e abençoador. A verdade do ‘toque’ se estabelece por uma espécie de ascensão ou de assunção ‘solar’. Esta tríplice cena é absolutamente platônica na acepção mais unilateral e ‘metafísica’ do termo. Para o homem, não se trata aqui, definitivamente, de uma questão de afago. Mas uma pose hierática e paternal substitui, de modo fraudulento, uma carícia por um gesto de ordenação<sup>4</sup>.

Tudo se trai na expressão ‘a terra não é *dada* para a pedra’. O *dom* não é aqui pensado senão como dom puro, finalizado e significando — significando muito precisamente a *terra*, com todos os seus valores de apoio e, além disso, de proximidade, de enraizamento e de habitação, de propriedade. E se o ‘dom *para*’ fosse aqui tomado erroneamente pelo ‘dom puro’? Se ele, de fato, violasse uma liberalidade, uma generosidade — e uma ‘espaciosidade’<sup>5</sup> — mais arcaicas do ‘dom’? Se o ‘dom’ inicial, mas um ‘dom’ subtraído à própria ‘doação’, na medida em que esta seria intencional, devesse se enunciar assim: pedra sobre a terra, e terra como ‘rota’ (*via rupta*, ruptura, abertura — e também já toda a *techné* da circulação, da troca), rota que já distribui a terra em lugares, lugares que já recebem a pedra, em modo indiferente, em modo, certamente, de ferida para um pé ou de obstáculo para um inseto, para um fio de água, mas também de simples lugar ocupado sobre o chão, de sombra projetada, de recorte de espaço, dom indeterminável, dom perdido como dom, dom sem desejo diante dele mesmo, nem a perceber nem a receber como ‘dom’...?

---

4 *Adoubement*, no original, remete ao gesto (uma espécie de toque) que consagrava alguém como cavaleiro durante as cerimônias de ordenação realizadas durante a Idade Média. [Nota do T.]

5 *Spaciosité* no original. [Nota do T.]

Heidegger, seguramente, deixa escapar a pressão (o pensamento?) da pedra somente dividida ou aflorada sobre o chão, a pressão do *contato* da pedra com a outra superfície e, através dela, com o mundo enquanto rede de todas as superfícies. Ele deixa escapar a superfície em geral, que talvez não venha ‘antes’ do rosto<sup>6</sup>, mas que todo rosto também é, necessariamente. Em relação à cabeça sobre a qual ele quer pousar uma mão de patriarca,<sup>7</sup> Heidegger esquece primeiro que ela *também* tem a consistência e em parte a natureza mineral de uma pedra. Deixa escapar a exposição de superfícies através das quais, inesgotáveis, vindas se esgotam singularmente.

A pedra, possivelmente, não ‘tateia’ (*betasten*) (como se diz, afinal, de modo vulgar com a entoação indiscreta, exploratória, de uma ‘apalpada’). Mas ela *toca*, ou *toca a*: transitividade passiva. Ela é tocada, sem diferença. Entelégua bruta do sentido: ela está em contato, diferença e *différance* absoluta. Há diferença de lugares — isto é, lugar –, des-locação, sem apropriação de um pelo outro. Não há ‘sujeito’ e ‘objeto’, mas posições e lugares, desvios: *mundo* possível, já mundo.

Sem isso, sem essa impalpável reticulação de contiguidades, de contatos tangenciais, não haveria mundo: sem os jogos (interstícios, intervalos, escapes) de um *ser-à* desdobrado, no qual o *à* vale menos como uma franca oposição ao *em* do que como sentido derivado, liberto do *em*. ‘Em si’, a coisa está ‘à’ seus próximos, bem próximas e muito longínquas *outras coisas*, já que há várias delas.

Que o *em-si*, tomado absolutamente, é ‘abstrato’, somente e unilateralmente

---

6 Nancy joga aqui com a forma da palavra *surface* (sur + face) em francês: “Il manque la surface en général, qui ne vient peut-être pas ‘avant’ la face, mais que toute face est aussi, nécessairement.” [Nota do T.]

7 E que corresponde exatamente – quase ao ponto da caricatura – ao que Derrida localizara sob ‘La main de Heidegger’ em *Psyché*, Paris, Galilée, 1987.

presente, tal é o princípio gerador de toda a lógica hegeliana — isto é, da primeira lógica que se desenvolve como lógica do sentido e não apenas da verdade (na medida em que resiste ao seu próprio processo de anulação na verdade infinita). Assim, a pedra de Heidegger ainda é somente abstrata, e não é a pedra concreta, não é o concreto-de-pedra, que não é tal apenas quando a pedra é atingida, lançada ou manipulada por ou para um sujeito. Precisamente, o *concreto* está antes ou depois do objeto e do sujeito. A pedra concreta não ‘tem’, certamente, um mundo (mas a fórmula de Heidegger é ambígua: ‘a pedra é sem mundo’ pode ser compreendida como ‘ela não tem mundo’ ou como ‘ela não é no mundo’) — mas ela não é menos no mundo em um modo do à que é ao menos o da *arealidade*: extensão de ar, espaçamento, distância, constituição ‘atomística’. Digamos que a pedra não é ‘no’ mundo: mas ela é mundo.

Diremos, no entanto, que o mundo da pedra, ou o mundo-pedra, não saberia ser o ‘todo de significância’. Mas a significância — o que eu chamaria de ‘passibilidade do sentido’ — tem ela mesma sua condição (existencial?) no desvio através do qual em primeiro lugar há mundo. O mundo é passível de sentido, ele é essa passibilidade, porque é, antes de tudo, segundo este desvio, digamos novamente ‘atomístico’. Provavelmente, isso implica, de direito, que a abertura de uma ‘compreensão’ do sentido esteja em relação com a abertura da arealidade concreta. Estou sugerindo que alguma coisa da ‘compreensão’ retorna à pedra mesma? Que não se receie aqui nenhum animismo, nenhum pampsiquismo. Não se trata de emprestar à pedra uma interioridade. Mas a compacidade mesma de sua dureza impenetrável (impenetrável para ela mesma) não se define (precisamente se de-fine<sup>8</sup>) a não ser através do desvio, a distinção do seu ser isto, aqui (“A pedra é, isto é, ela é isto ou aquilo, e como tal é aqui ou aí”, diz ainda Heidegger, como se reduzisse ‘ser’ à simples có-

---

8 *De-finit* no original em francês. [Nota do T.]

pula de atribuição). Esta discrição, que poderíamos dizer *quântica*, tomando emprestada da física a discrição dos *quanta* materiais, faz o mundo enquanto tal, o mundo ‘finito’ passível de sentido.

Nenhum animismo, pelo contrário. Mas uma ‘filosofia quântica’ (“atomística”, “discreta”) da natureza’ permanece por ser pensada. Pois a *différance* do à-si, segundo a qual há abertura do sentido, está inscrita diretamente sobre o ‘em-si’. *Corpus*: todos os corpos, uns fora dos outros, fazem o corpo inorgânico do sentido.

A pedra não ‘tem’ sentido. Mas o sentido toca a pedra: se choca mesmo com ela, e é isso que fazemos aqui.

## II

Em certo sentido, mas qual sentido, *o* sentido é o toque. O ser-*aqui*, lado a lado, de todos os seres-*aí* (seres lançados, enviados, abandonados no *aí*).

Sentido, matéria se formando, forma se fazendo firme: exatamente a distância de um tato.

Com o sentido, é preciso ter *tato* para não tocá-lo demais. Ter o sentido ou o tato: a mesma coisa.